

CÁSSIO MURILO DIAS DA SILVA
com a colaboração de especialistas

**METODOLOGIA
DE EXEGESE
BÍBLICA**

Paulinas

Introdução

"Palavra de Deus em palavras humanas". Assim é definida, com muita exatidão, a Sagrada Escritura ou, mais simplesmente, a Bíblia. Mas, podemos entabular um questionamento: A Bíblia é sagrada porque é palavra de Deus e é escritura porque é palavra humana? Ou seria o contrário: Ela é palavra de Deus porque é sagrada e é palavra humana porque é escritura?

É claro que não foi Deus, em pessoa, quem escreveu a Bíblia. Muito menos podemos pensar que Deus necessite de palavras, que são uma realidade humana, para se comunicar. A Sagrada Escritura é a configuração categorial do que foi a percepção da presença e da revelação de Deus. Quem tem tal percepção é o ser humano concreto e situado. Portanto, a definição apenas proposta — palavra de Deus em palavras humanas —, longe de comportar uma contradição, exprime uma condição irrenunciável: se quisermos que a Bíblia fale aos homens, seja qual for a cultura, a língua e o tempo em que vivem, precisamos, cada vez mais, recolocar esta mesma Bíblia na cultura, na língua e no tempo em que surgiu. Isso significa afirmar que a Bíblia é uma obra literária que precisa ser abordada como tal, se não quisermos anular seu valor como Palavra de Deus.

No entanto, não descartemos o questionamento expresso no primeiro parágrafo como um simples jogo de definições. Antes, deixemos que ele nos faça pensar e notaremos algo, no mínimo, paradoxal: a Bíblia, palavra de Deus, nem sempre é compreendida pelo povo deste mesmo Deus! Para um mesmo texto, surgem muitas interpretações, algumas legítimas, outras questionáveis, outras descartáveis. Tudo depende do modo, ou melhor, do método com que lemos a Bíblia. Com efeito, a riqueza da Sagrada Escritura é tamanha que não basta um único mé-

todo de leitura para esgotá-la. Ela nos reserva sempre uma novidade, uma surpresa, um horizonte novo.

O século XX foi profundamente frutuoso e questionador no que se refere à interpretação bíblica: muitos métodos surgiram, firmaram-se, foram superados e/ou redefiniram seus pressupostos e seus objetivos.

Com muitos manuais publicados na Europa e na América do Norte, a temática da Metodologia Bíblica não fez mais que dar tímidos passos no Brasil. É verdade que, nos últimos anos, é sempre maior, entre nós, o número de introduções e de comentários (traduzidos ou produzidos aqui) aos textos bíblicos. No entanto, quase sempre, são obras em que um ou mais autores expõem o resultado de seu método de trabalho, sem a preocupação de ensinar como o leitor, usando critérios semelhantes, pode chegar a suas próprias conclusões, a partir da análise de outros textos. Em outras palavras, poucas são as publicações que se preocupam em fornecer um instrumental de trabalho ao leitor que pretende ingressar em níveis mais profundos da leitura da Bíblia e buscar, por si mesmo, novas propostas de interpretação.

Além disso, as preocupações emergentes em nosso continente (pobreza, desemprego, desigualdades sociais), bem como as situações e os desafios de ordem mundial (nova situação da mulher, novas tecnologias, busca da superação de preconceitos raciais e religiosos), acabaram também condicionando nossa postura diante do texto bíblico, que é visto, cada vez mais, como paradigma para a caminhada do povo de Deus.

Isso fez surgir, entre nós, certa reserva em relação aos métodos que se preocupam com o texto bíblico enquanto texto. A busca de conteúdos, isto é, de respostas para situações concretas, acabou por relegar a segundo plano o aspecto literário da Bíblia. Não raro, fazemos uma leitura imediatista, esperando encontrar na Escritura argumentos ou luzes para o momento que estamos vivendo. Não permitimos a nós mesmos aproveitar o objetivo primeiro do ato da leitura: o simples prazer de ler!

Com efeito, devemos nos perguntar: Por que lemos a Bíblia? Oração? Preparação de catequeses, palestras e homilias?

Estudo? Quantas vezes tivemos a ousadia de lê-la pelo simples gosto da leitura, uma leitura livre de pré-conceitos e de dogmas? Se a resposta a tais perguntas é "nunca" (ou quase), talvez, na base, esteja o fato de jamais pensarmos a Bíblia como uma obra literária, ou melhor, um conjunto de obras literárias, cujos autores nada devem aos grandes romancistas e poetas de todos os tempos, línguas e culturas.

O presente livro quer, portanto, ser uma provocação a quem nele se aventura. Destinado primeiramente, mas não de modo exclusivo, a um público já introduzido na teologia e nos estudos bíblicos, quer propor uma nova maneira de ler a Bíblia.

Temos, nesta afirmação, dois pontos a esclarecer. Primeiro, talvez o termo "nova" devesse vir entre aspas, pois algumas abordagens a serem propostas já são centenárias ou quase (Crítica Textual, Crítica Literária, Crítica dos Gêneros Literários). Não obstante, serão, com certeza, novas para quem está tomando contato com elas pela primeira vez. Segundo, tirará melhor proveito das lições contidas nestas páginas o leitor que tiver certo domínio das línguas bíblicas (grego e hebraico), pois nossas análises vão partir sempre dos textos originais. Mas o conhecimento dessas línguas não é uma condição indispensável para continuar a leitura deste volume. A cada palavra ou texto transcritos em grego ou em hebraico, o leitor contará com uma tradução imediata, em itálico e, normalmente, entre colchetes. Algumas vezes, vai parecer, por certo, uma tradução estranha (mistura de tempos verbais, estruturas frasais um pouco pesadas para o português) e bem diferente das traduções com que o leitor está acostumado. Isso se deve ao fato de procurarmos apresentar uma tradução literal de cada texto, a fim de tomar claras as ambiguidades e a riqueza do original. Não queremos, com isso, dizer que será uma versão incompreensível; apenas que não vamos nos basear em nenhuma tradução já editada em nossa língua.

Para melhor compreendermos os passos que serão expostos a cada capítulo, teremos por guia um personagem alegórico, o estudante de música Zeca. Para o autor do presente livro, trata-se da personificação do leitor, pois ambos, o Zeca e o leitor, seguirão caminhos paralelos: o Zeca passará por situações novas

e inesperadas, que o ajudarão a amadurecer seu talento musical; igualmente, o leitor será instigado a amadurecer seu modo de ler a Sagrada Escritura.

Na alegoria do Zeca, nossa provocação fica assim definida: sem descartar ou menosprezar a caminhada de fé e de interpretação de textos bíblicos que o leitor, com certeza, já possui, além de fazer lançar um olhar novo e mais crítico sobre o texto mesmo da Escritura, esta *Metodologia de Exegese Bíblica* quer também fazer lançar este mesmo olhar novo e mais crítico sobre o próprio ato de ler. Por isso, o primeiro capítulo fornecerá elementos para avaliarmos se a leitura que fazemos dos livros sagrados é simplesmente devocional ou se engloba também outros níveis, que ultrapassam o da oração.

O segundo capítulo será mais bem aproveitado por quem tem certo domínio das línguas bíblicas e vai exigir de nós um pouco de paciência e de perseverança. Nele, seremos introduzidos no manuseio das edições em grego e em hebraico. O texto bíblico foi copiado e re-copiado ao longo dos séculos e não se puderam evitar erros e mudanças. Destas últimas, algumas foram conscientes. Como avaliar as diferenças? Qual seria a provável formulação original de um versículo? Será a *Crítica Textual* o passo metodológico que nos fornecerá os critérios para tal julgamento. Um passo relativamente complexo e árido, mas de grande importância e utilidade em nossa caminhada.

Uma vez estabelecida aquela que julgamos ter sido a redação original final de um texto, precisamos definir seus limites, isto é, o primeiro e o último versículos da passagem que estamos lendo ou estudando. Para tanto, no capítulo terceiro, encontraremos alguns critérios que nos ajudarão nessa tarefa. Da clareza da delimitação de um texto pode depender toda a interpretação que dele fazemos.

A seguir, em um capítulo muito breve, vamos tomar con-tato com duas categorias da ciência dos signos, a Semiótica. Falaremos de sincronia e diacronia. São dois tipos diferentes de abordagem: a primeira considera o texto como um conjunto de elementos que interagem "todos ao mesmo tempo" (sincronia); a segunda estuda o texto como o resultado de uma evolução

"ao longo do tempo" (diacronia). O aspecto sincrônico será abordado no capítulo quinto, ao passo que o aspecto diacrônico ocupará os capítulos sexto, sétimo e oitavo.

Os passos para a abordagem sincrônica constituirão, portanto o conteúdo do quinto capítulo. Precisamos, pois, aprender a fazer um trabalho de desmontagem. Vamos começar segmentando a perícope em frases completas que, posteriormente, serão reagrupadas em sequências, a fim de estabelecermos a estrutura básica do texto. A seguir, será o momento de estudarmos a fundo o vocabulário que o autor / redator utilizou para exprimir as ideias que a ele eram caras. A análise da sintaxe e do estilo completará a abordagem sincrônica e evidenciará o modo como o autor / redator utilizou os recursos gramaticais e expressivos oferecidos pela língua em que escreveu.

Os três próximos capítulos dedicar-se-ão à abordagem dia-crônica. No capítulo sexto, aprenderemos a avaliar a consistência do texto que temos em mãos. A questão é saber se estamos diante de um texto unitário ou composto. Se o texto for composto, isto é, incoerente porque sofreu mutações, precisamos reconstruir sua forma primitiva. Quem nos ensinará tal trabalho será a *Crítica Literária*. Ainda neste mesmo capítulo, veremos a chamada *Crítica dos Gêneros Literários*, com a qual aprenderemos a comparar o texto que estamos lendo com outros formalmente semelhantes, isto é, com uma mesma estrutura formal. No entanto, não podemos deixar de observar que, se há textos com semelhanças estruturais, é porque devem ter surgido em situações existenciais semelhantes ou buscam responder a essas mesmas situações. Esta consideração ficará por conta da análise do *Sitz im Leben*, o contexto vital.

No capítulo sétimo, daremos especial atenção ao substrato tradicional que impregna as passagens bíblicas. São os chamados *tópoi* ou lugares comuns da literatura, que se repetem de várias formas ao longo da Escritura. Esse será o objeto da *Crítica da Tradição*. Encerrando a diacronia, o capítulo oitavo será dedicado à *Crítica da Redação*, método que busca compreender as características próprias de cada autor / redator, a partir das mudanças operadas no material que serviu de base para o texto

que temos em mãos. Tais mudanças podem variar, desde detalhes até transformações radicais. Esta análise desembocará no chamado *Sitz im der Literatur*, a colocação literária. Para atingir seu escopo, o autor / redator estabeleceu um plano para sua obra, alocou cada perícopo num contexto próximo preciso e relacionou-a com outras perícopos mais remotas.

O nono capítulo será uma introdução à complexa *Poética Hebraica* e tratará de alguns procedimentos estilísticos da lírica bíblica.

Os últimos dois capítulos, por sua vez, serão reservados a outras leituras que não terão sido tratadas até então. Elas completam e relançam a novas perspectivas o resultado do caminho proposto nesta *Metodologia de Exegese Bíblica*. Trata-se de capítulos escritos "em mutirão", pois reúnem colaborações de colegas professores de Sagrada Escritura: duas leituras tradicionais (*Judaica*, por Vitorio Maximino Cipriani, e *Patrística*, por Domingos Zamagna) e três leituras contextuais e contextuadas (*Popular*, por Sônia de Fátima Batagin, *Feminista*, por Silvana Suaiden e *Socio-Antropológica*, por Airton José da Silva). Cada uma delas mereceria um volume à parte. No entanto, sua presença nesta publicação quer também ser provocativa: lembrar-nos que não há nenhum modelo interpretativo capaz de esgotar, sozinho, toda a densidade e a imensa riqueza da Palavra de Deus.

A princípio, deveriam ser exposições breves e diretas. No entanto, dado o crescente uso, nem sempre criterioso, porém, da *Leitura Socio-Antropológica*, julgamos ser esta a publicação adequada para uma abordagem crítica deste método de exegese bíblica, percorrendo sua gênese e seu desenvolvimento histórico. Como resultado, as quatro primeiras leituras (*Judaica*, *Patrística*, *Popular* e *Feminista*) dividem o capítulo décimo, enquanto o capítulo onze fica inteiramente reservado à leitura *Socio-Antropológica*.

Aproveito o momento para deixar meu sincero agradecimento às várias pessoas que, de alguma forma, colaboraram para a confecção desta *Metodologia*.

Em primeiro lugar, aos alunos do curso de Pós-Graduação em Bíblia da Pontifícia Faculdade de Teologia Na. Sra. da Assunção: com eles tive a oportunidade de experimentar, aprofundar e aprimorar, na prática, não só os passos metodológicos que em breve começaremos a dar, mas também a forma de apresentá-los.

Em seguida, aos referidos colegas e irmãos biblistas, bem como aos vários outros colegas e irmãos professores de teologia:

além da colaboração por escrito, várias foram as sugestões e as trocas de ideias durante a elaboração deste livro.

À minha professora de português Maria de Lourdes do Montecarmelo: poucas foram as páginas da primeira redação que lemos juntos, mas espero ter aprendido bem a lição e realizado uma redação final mais clara e livre de ambiguidades.

A Ana Elisa Buci Falhares por sua ajuda na elaboração dos índices. Além de seu efetivo auxílio, seu carinho e sua delicada presença tomaram menos árida essa etapa tão insípida dos acertos finais para a publicação deste livro.

Por fim, de modo especial, quero externar minha profunda gratidão a Wolfgang Gruen, a quem tive a felicidade de ter como leitor crítico da primeira redação: suas preciosas e meticulosas observações, sugestões e correções foram decisivas para a configuração final do presente trabalho.

Com eles quero partilhar minha alegria de ter concluído este projeto, que me fez sentir, na pele, quanto tinha razão o redator do Eclesiastes (12,12b) ao afirmar:

^p •i^ rmn cr-iso miou

multiplicar livros é tarefa sem fim!

Campinas, 30 de setembro de 1999.

(Memória de São Jerônimo,
padroeiro dos Biblistas, e dia da Bíblia)

I. COMO ASSIM... "LER É MAIS IMPORTANTE QUE ESTUDAR"?!

Esta frase do cartunista Ziraldo deve nos fazer pensar no modo como lemos. Em nosso caso específico, como lemos a Sagrada Escritura. Quando abordamos o texto bíblico, deixamos que ele nos conduza ou, ao contrário, impomos a ele um direcionamento? Em outras palavras, efetivamente, nós o lemos? Ou simplesmente buscamos respostas a perguntas previamente estabelecidas?

Ao forçar o texto a responder determinadas questões, abdicamos da finalidade específica da Escritura: **ela existe para ser saboreada, ela existe para ser lida!**

Nem sempre nos damos conta de que fazer uma leitura condicionada a questões previamente estabelecidas já não é mais ler... é usar a Escritura como um depósito de argumentos ou de verdades, consideradas válidas pois foram "canonizadas" no texto bíblico.

Alguém irá perguntar: "É possível fazer uma leitura não ideológica da Bíblia, isto é, uma leitura neutra?" Eis uma questão intrincada... Primeiro, porque devemos contrapor outra pergunta: É possível ler de forma neutra um texto que não foi escrito de forma neutra? É possível ler sem ideologia um texto carregado de ideologia... ou de várias? Em segundo lugar, não podemos nos esquecer de que a Bíblia é um livro vivo, não porque nos conduz à salvação, mas porque cada um dos escritos que a compõem passou por um longo processo de formação e possui uma história digna de uma biografia:

(a) Certo dia, alguém deu o "pontapé" inicial e começou a escrever um texto, (b) Esse mesmo sujeito, ou algum outro, fez a redação final, e transformou seu texto em um livro. Através dos séculos, este livro foi (c) copiado, (d) traduzido para as mais diversas línguas, (e) interpretado e (f) citado muitas vezes, seja na tradição judaica (*Targumim, Midrashim* etc.), seja na tradição cristã (Novo Testamento, Patrística, Escolástica etc.).

Qualquer um dos livros bíblicos, não só possui uma história, mas também criou história.

2. PRECISAMOS APRENDER A LER

Mas, voltemos ao Ziraldo: "Ler é mais importante que estudar". Se "ler" é o mais importante, então, questionemo-nos:

Sabemos "ler" a Bíblia? Cada vez que a tomamos nas mãos, lembramo-nos de que a Bíblia é uma obra literária?

Tal questionamento nos coloca diante de algo crucial: a questão do **método**. Em outras palavras, quais os instrumentos de que lançamos mão para ler a Sagrada Escritura?

Para os estudiosos, desde muito tempo a "Sagrada" Escritura deixou de ser apenas "o livro que traz a Palavra de Deus", e reconquistou sua identidade como Palavra Humana, Literatura. Em outras palavras, a Bíblia não mais vista apenas como um repertório de argumentos e de provas teológicas e dogmáticas, mas como um livro que, tal qual qualquer texto literário, quer também informar, divertir, fazer pensar. Como dissemos há pouco, é um livro vivo e, como tal, quer entrar em diálogo com o leitor, influenciar sua vida, sua consciência.

Com efeito, o caminho mais curto e eficaz para matar a Sagrada Escritura é não considerá-la como obra de literatura, como texto, e, assim, cooptar sua liberdade.

3. MAS... O QUE É MESMO UM TEXTO?

Do latim *textus* = tecido, trama.

O conceito de texto pode ser avaliado sob vários pontos de vista e, por isso, ganhar várias definições. Para não sermos áridos, vamos evitar entrar nessa discussão intrincada. Ao contrário, arrolaremos algumas características de um texto literário, sem que delas forjemos uma definição mais rígida¹.

Antes de mais nada, convém lembrar que o texto pode ser decomposto em elementos menores, chamados frases. Estas, por

¹ Para um aprofundamento da questão, sugerimos a excelente obra AGUIAR B SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 8 ed. Coimbra, Almedina, 1990. pp. 561-567.

sua vez, decompõem-se em elementos menores ainda, as palavras. Repetindo, a partir do fim: as palavras se articulam e interagem em frases, que, por sua vez, se articulam e interagem no texto.

Os fatores que concorrem para a articulação e a interação desses elementos pertencem a distintos aspectos linguísticos:

- a) Fonético: a configuração sonora do texto, as asso-nâncias.
- b) Morfológico: os signos linguísticos menores e suas propriedades, as categorias gramaticais (verbos, substantivos etc.).
- c) Sintático: a articulação das palavras no todo, como estrutura.
- d) Estilístico: a elegância do texto (mais poético ou não, mais redundante ou não).

Conforme esses vários fatores estejam maior ou menor-mente presentes, o texto pode ter maior ou menor grau de coerência.

Outra das qualidades do texto é sua delimitação. Em linguagem mais coloquial, dizemos que um texto precisa ter "começo, meio e fim". A ciência bíblica utiliza um termo técnico para designar uma unidade literária que preenche tais requisitos: perícopes. Várias perícopes formam um texto mais complexo, e assim por diante, até compor um livro.

Nenhum texto é uma entidade isolada, mas se insere no amplo contexto do processo da comunicação linguística. Um processo carregado de deturpações, a saber, o autor percebe a realidade de modo parcial e, para traduzir e transmitir tal percepção parcial da realidade, está condicionado à língua que fala, à cultura em que vive, aos meios materiais (pinturas rupestres, escrita, rádio, jornal etc.) e simbólicos da comunicação.

Por fim, todo texto é construído sobre um sistema sígnico determinado. Autor e leitor devem ter um sistema sígnico comum, para que o processo comunicativo aconteça. No caso da Bíblia, é mister levar em consideração as distâncias entre autor e leitor: tempo, espaço, cultura, língua etc.

4. O TEXTO, DA PRODUÇÃO À LEITURA

Quando o autor decide produzir um texto, de sua parte, concorrem os seguintes fatores:

- a) a ideia ou o aspecto dela que ele quer transmitir;
- b) suas fontes (orais ou escritas);
- c) o material simbólico que está disponível em sua cultura e em sua língua;
- d) a ideia que ele faz do leitor a quem escreve;
- e) o efeito que quer produzir no leitor.

Mas, imediatamente após sair das mãos do autor, o texto toma-se autónomo, tem vida própria. Mesmo que, a princípio, possamos consultar o autor e perguntar a ele o que de fato tinha em mente ao escrever, à medida que dele nos distanciamos no tempo e no espaço, não podemos mais consultá-lo e resta-nos apenas o texto que produziu. A comunicação, portanto, torna-se unilateral.

Eis o que acontece com a Sagrada Escritura. E tendo em vista que a comunicação entre autor bíblico e seu leitor baseia-se somente no texto e não em dados extratextuais, a compreensão do escrito, por parte do leitor, deve levar em consideração que:

- a) O autor e o leitor pertencem a mundos e culturas diferentes: os signos e as categorias do primeiro nem sempre são naturais ao segundo;
- b) O leitor de hoje não foi previsto pelos autores da Bíblia;
- c) Até chegar a nós, o texto bíblico teve de superar obstáculos, sofreu mutações, foi interpretado sob diversas perspectivas, foi lido e aplicado a novas situações e, muitas vezes, acabou produzindo efeitos diferentes dos pretendidos pelo autor;
- d) O texto tornou-se estável, pois, as edições impressas eliminam o risco de deturpações quanto à letra escrita. As divergências ficam por conta das interpretações. Em

caso de dificuldades, o leitor não pode consultar direta-mente o autor, mas pode sempre reler o texto, confirmando ou modificando suas interpretações.

Ler, portanto, é decifrar, decodificar. A competência de uma leitura depende diretamente da capacidade que o leitor tem de formar um quadro abrangente dos diversos fatores que concorreram para a formação do texto.

Uma leitura competente exige responder a determinadas perguntas:

autor: Quem elaborou o texto?

destinatário originário: A quem foi, primeiramente, destinado o texto?

escopo do autor: Com qual intenção escreveu? Que efeito quis produzir?

tema: Qual o conteúdo?

código: Como? Qual a forma? Com quais palavras?

tempo: Quando?

lugar: Onde?

destinatário atual: Quem é o atual leitor?

apropriação: Como decifrar o código?

escopo do leitor: Com qual intenção lê?

5. VÁRIOS NÍVEIS DE LEITURA DA SAGRADA ESCRITURA

O último item (escopo do leitor) merece especial atenção, principalmente por se tratar da Bíblia. Nossa interpretação do texto bíblico e nossa sensibilidade ao que ele nos sugere dependem diretamente da intenção com que o abordamos. Os rabinos judeus dizem que a Escritura tem "setenta faces", isto é, há sempre uma nova maneira de interpretá-la.

No entanto, as muitas interpretações possíveis para o mesmo trecho da Escritura podem ser agrupadas segundo os direcio-

namentos ou os níveis de leitura. Esquemáticamente, podemos estabelecer o seguinte quadro:

<i>Oração</i>
<i>Liturgia</i>
<i>Catequese</i>
<i>Teologia</i>
<i>Exegese</i>

Oração:

É o direcionamento mais básico e espontâneo de nossa leitura: buscamos no texto bíblico respostas para nossos anseios e luz para nossas decisões, pois nós o tomamos como instrumento para dialogarmos com Deus.

Este nível está sistematizado nos passos da "Lectio Divina": o *texto sagrado, a leitura, a meditação, a partilha, a oração, a contemplação, a ação*¹.

Liturgia:

Os vários textos lidos durante uma celebração não querem apenas nos levar a rezar e a refletir sobre determinados temas. Na verdade, em termos de liturgia, o que celebramos não são temas, e sim acontecimentos (a vida é um acontecimento, não

² Assim na excelente exposição de MASINI, M. *Iniziazione alia "Lectio Divina" - teologia, método, spiritualità, prassi*. Padova, Messaggero Padova, 1988: "sacra pagina", "lectio", "meditatio", "collatio", "oratio", "contemplatio", "operatio". Para um esquema em quatro tempos (*leitura, meditação, oração, contemplação*), cf. CONFERÊNCIA DOS RHLIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *A Leitura Orante da Bíblia*. São Paulo, Loyola/CRB, 1992, especialmente as pp. 20-32.

um tema; a libertação é um acontecimento, não um tema; igualmente o perdão, a dor, a morte, a ressurreição etc.), pois é nos acontecimentos que Deus está presente e se revela³.

Por isso, este nível de leitura requer que conheçamos a História da Salvação, a fim de que saibamos identificar os acontecimentos a que as leituras da celebração se referem, os questionamentos que tais fatos provocaram na caminhada do povo de Deus e quais respostas foram dadas. A partir de então, vamos poder avaliar a semelhança entre a nossa situação presente e a situação do povo bíblico, bem como as respostas que estamos dando.

Catequese:

Esta leitura já exige algum conhecimento, não só da História da Salvação, mas também dos Dogmas e da Moral. Conhecer os Dogmas nos ajuda a perceber como os conceitos de nossa fé, que tem suas raízes na experiência bíblica, foram amadurecendo ao longo dos séculos. Conhecer a Moral impede que nossa catequese, diante de situações concretas que exigem de nós discernimento, se perca em "achismos" e subjetivismos.

Em outras palavras, trata-se de ter fundamentos sólidos para podermos atualizar a experiência de fé dos personagens bíblicos e usá-la como elemento formador do intelecto e da vontade.

Teologia:

O discurso sobre os Dogmas, a Moral e a História da Salvação se toma bem mais elaborado e utiliza outros instrumentais: filosofia, história, ciências da linguagem etc. O obje-

³ No que se refere, por exemplo, à liturgia dominical dos católicos, os textos bíblicos estão distribuídos num ciclo trienal, no qual "a escolha e distribuição das leituras tende a que, de maneira gradual, os cristãos conheçam mais profundamente a fé que professam e a história da salvação. [...] Com efeito, o *Elenco das Leituras da Missa* oferece os fatos e palavras principais da história da salvação [...] que a liturgia da palavra vai recordando passo a passo, em seus diversos momentos e eventos" (SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO. *Introdução ao "Ordo Letionum Missae"*. In: *LEGIONÁRIO Dominical A-B-C*. São Paulo, Paulus, 1994. pp. 27-28, nn. 60-61.

vo deste nível de leitura já não é formar na fé, mas articular uma reflexão mais racional.

Ainda mais que no nível anterior, requer-se o conhecimento da Teologia dos autores bíblicos e de como a reflexão teológica posterior lançou raízes no rico solo da fé bíblica.

Exegese:

Busca-se, neste nível, compreender o texto bíblico em si mesmo: as ideias, as intenções, a forma literária de um texto específico e suas relações formais com outros textos. Entramos no domínio das chamadas "Ciências Bíblicas", um conjunto de propostas de leitura, com metodologias, pressupostos e critérios altamente elaborados ao longo de séculos.

Enquanto nos níveis anteriores era muito importante a síntese, neste ganha importância a análise: sem esquecer o conjunto, avaliar cada uma das partes.

Aprender a ler neste último nível: eis o objetivo do presente livro.

Uma leitura atenta deste quadro e de sua explicação nos leva a observar:

- a) Esta divisão é virtual, pois são cinco direcionamentos de leitura para um mesmo e único texto bíblico: não existe um texto só para oração e outro só para exegese. O texto aponta simultaneamente para todas elas, somos nós quem optamos por uma ou por outra.
- b) As conclusões a que chegamos em um nível de leitura podem confirmar, negar ou redimensionar as conclusões dos outros. Por exemplo: no nível da Exegese, sabemos que Adão e Eva jamais existiram... mas isso não nos impede de utilizá-los em nossa Catequese.
- c) Como decorrência da observação anterior, devemos, portanto, aprender a nos movimentar nos vários níveis de leitura e estar conscientes dos limites e das possibilidades de cada um. Em outras palavras, é-nos necessá-

rio aprender a aproveitar as afirmações de um nível para alargar os horizontes dos outros.

- d) Curiosamente, quanto mais se aproxima da exegese, tanto menos nossa leitura requer fé. Antes, exige instrumental científico cada vez mais eficiente.

6. TRADUÇÃO E USO DE TRADUÇÕES

Caso trabalhemos com as línguas bíblicas (grego e hebraico), antes de qualquer procedimento exegético, devemos traduzir o texto que estamos por analisar. O resultado deste ato é a primeira objetivação de nosso esforço em compreender o texto. Nenhuma tradução substitui o original, mas, quando se traduz, já se fazem opções e interpretações, que podem, é claro, ser modificadas ao longo do trabalho. Comparar a nossa versão com traduções já existentes pode ser útil para verificarmos a reta compreensão do original, ou como auxílio para evidenciar e superar eventuais impasses.

Se não estivermos capacitados para trabalhar com os textos em hebraico e em grego, a comparação de diversas traduções pode nos ajudar a perceber as dificuldades presentes na língua original. E, ainda que nosso objetivo seja preparar uma homilia, algum tipo de artigo ou comentário, é aconselhável tomar como base a tradução mais fiel e literal (se não for possível no original). Jamais partamos, porém, de uma paráfrase popular (ou tradução do lecionário ou folheto), ainda que depois esta seja usada na celebração ou na catequese.

Esta última recomendação deriva do seguinte fato: há dois tipos de tradução, a saber, (1) **formal ou literal** e (2) **funcional ou dinâmica**. Compreendamos a problemática de base: qualquer tradução deve contemplar dois elementos, o significado da frase e sua forma (ou expressão) linguística.

A tradução **formal** preocupa-se em respeitar a forma linguística do original. Por isso, sem deixar de ser compreensível, renuncia à compreensão imediata, para manter a fidelidade ao original. O resultado é uma versão mais pesada e mais cheia de

redundâncias do que a tradução funcional. Por isso, algumas vezes articula as ideias de maneira pouco comum ao padrão coloquial da língua de chegada. Isso não significa que ela deva ser incompreensível.

Aliás, toda versão formal deve ter a mesma força que o original tem, a fim de produzir os mesmos efeitos e as mesmas emoções no leitor. Com efeito, versar palavra por palavra do hebraico (ou do grego) para o português, sem levar em consideração as particularidades de cada língua e o sentido do texto em seu conjunto, não significa fazer uma tradução formal. E apenas "escrever" hebraico (ou grego) com palavras portuguesas.

Um exemplo curioso do texto hebraico: ISm 25,22.

^v nbi -iTt'?'¹^1' crn'^ "royyns :Tp3 oficia -ipn-r-iy •['!—leïK-'-'^?;!
-T't<tût<-Qí<

Literalmente seria: *"Assim faça Deus aos inimigos de Davi e assim continue, se eu deixar, de tudo o que é dele, até amanhã, UM 'MIJADOR'DE MURO"*.

Risadas à parte, e descontando o neologismo, o problema reside exatamente na expressão Tpa JWQ, literalmente *"mijador de muro, aquele que urina no muro"*. Trata-se de um eufemismo para *"varão, macho"*, seja ele um homem ou um cão. Uma tradução que optasse por *"varão"* e apresentasse a seguinte versão *"assim aja Deus com os inimigos de Davi e o faça ainda mais, se eu deixar com vida, até amanhã, algo de tudo o que pertence a ele, mesmo um só VARÃO"*, não deixaria de ser considerada formal. No entanto, seria apropriado que, ao longo de toda a tradução, fosse sempre utilizado o mesmo vocabulário.

Mas isso nem sempre acontece. *A Bíblia - Tradução Ecuménica*, mais conhecida por *TEB* (sigla para *Tradução Ecuménica da Bíblia*)*, uma tradução considerada formal, infelizmente, apresenta inconstâncias. Em ISm 25,22.34, traz literalmente *"o que urina contra o muro"*. Contrariamente, em IRs 14,10; 16,11; 21,21 e 2Rs 9,8, traz *"varão"*. A nota de ISm 25,22

⁴ *BÍBLIA - Tradução Ecuménica*. São Paulo, Paulinas Loyola, 1994.

explica que o sentido é incerto: Seria um cão, um homem ou um menino? Além disso, notemos que todos esses textos falam de exterminar a família de alguém. Portanto, nada impediria que os editores da *TEB* tivessem adotado o termo "varão" para traduzir Tp3 "[f]icû [o que urina no muro} e, mantendo a nota explicativa de I Sm 25,22, nos demais textos, remeter a esta primeira ocorrência da expressão.

Quase todas as edições brasileiras podem ser consideradas formais. Algumas, é claro, com um cuidado maior do que as outras quanto ao vocabulário da versão. São claramente eruditas *A Bíblia de Jerusalém?* e a *TEB*. Esta última adota, para os nomes próprios, a transliteração dos menos conhecidos e a forma abreviada para os mais usados. *A Bíblia Sagrada traduzida por João Ferreira de Almeida*⁶ possui duas edições em nossa língua: a publicada em Portugal e a publicada no Brasil. Destas, a edição portuguesa é mais formal que a edição brasileira.

Por sua vez, a tradução **funcional** visa superar a dificuldade que o leitor hodierno tem em compreender a Sagrada Escritura. Para eliminar as tensões, modifica as estruturas frasais, utiliza palavras mais simples e articula as ideias de forma a tomar o texto imediatamente compreensível. Tanto quanto a formal, a tradução funcional busca reproduzir, na língua de chegada, a força do texto na língua original (qual a expressão correspondente e que produz os mesmos efeitos), mas sem a preocupação de manter a forma do texto. Tal é o caso da *Bíblia - Edição Pastoral*⁷, da *Bíblia na Linguagem de Hoje*, da *Bíblia Viva*⁹ e

⁵ *A BÍBLIA de Jerusalém*. 5 impr. São Paulo, Paulus, 1991. A BÍBLIA-TEB. São Paulo, Paulinas, Loyola, 1995.

⁶ *A BÍBLIA Sagrada contendo o Velho e o Novo Testamento traduzida em português por João Ferreira de Almeida*, ed. rev. e cor. Lisboa, Sociedade Bíblica, 1988.

⁷ *BÍBLIA Sagrada - Edição Pastoral*. 23 impr. São Paulo, Paulus, 1997.

⁸ *A BÍBLIA na Linguagem de Hoje*. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1989.

⁹ *A BÍBLIA Viva*. São Paulo, Mundo Cristão, 1981.

da *Bíblia Fácil*¹⁰. O lecionário dominical católico apresenta uma tendência nesta linha^{11*}.

Só para termos uma ideia das transformações de forma e de sentido que operam as traduções funcionais, o mesmo texto usado como exemplo anteriormente, ISm 25,22, foi assim versado na *Bíblia - Edição Pastoral*: "que Deus castigue Davi, se até amanhã cedo eu deixar vivo qualquer um de Nabal (sic!) que urina na parede". Vemos que a preocupação com o entendimento imediato fez surgir o nome "Nabal", que não aparece no hebraico. Além disso, parece que a ameaça de extermínio refere-se tão-só aos "mijadores" de muro.

7. UM EXEMPLO

Ao longo de nosso estudo, vamos tomar como exemplo a tempestade acalmada na versão de Marcos (4,35-41). Começaremos apresentando o texto grego e, de forma interlinear, sua tradução:

35 KttL ÀÔYÉL ttUTOIÇ kv ÉKÉLVTI TT| TII-léptt Ó^LKÇ YÉfOLLévT|Ç,
E diz. a eles em aquela dia quando se fez. tarde

ALÉÀOCÛLIO' de, TO irépttv. 36 KKL (xctievreç TOV o^Àov
Atravessemos para a margem. E tendo eles despedido a multidão

TTCTpttÀttLipttVOUOLV ttUTOV (JÇ T] V W T(J ĨĀ.OLO), KttL ttÀ/l«
tomaram- consigo -no como estava em o barco, e outros

TTÀOĬtt T}V LIÉT' {U}TOÛ. 37 KKL yLVÉTKL Â.ttUttl[J LieYttÀr|
barcos estava com ele. E acontece tempestade grande

Ctvé\10V, KttL -Ctt KULIttTO è-iiépttÀÁÉV ÉLÇ TO -iiXoiOV,
de vento, e as ondas lançavam-se para dentro de o barco

¹⁰ *BÍBLIA Fácil*. São Paulo, Centro Bíblico Católico, s.d.

¹¹ Para uma avaliação geral das traduções brasileiras, cf. EGGER, W. *Metodologia do Novo Testamento*, São Paulo, Loyola, 1994 pp. 65-67. E sobre traduções em geral, não podemos deixar de mencionar o recente BUZZETTI, C. *Come scegliere lê traduziam delia Bibbia*. Torino, LDC, 1997.

Odore fĴŌTi Y^CÉoĥttL TO nĀolov. 38 κ(x'L ttDĭòç fiv èv TT)
a ponto de já ficar cheio o barco. E ele estava em a

•iĭpULIVT) ÉTTL TO ĩĭpOOKÉ(t)(ĪĀttL(W KttOeÚÓCJV. KttL kydpOVOiV ttŪTOV
popa sobre o travesseiro dormindo. E despertam- no

KttL ĀéyOUOLL/ ttŪTCû, AlôttOKttĀç, OU LIÉĀ6L 00 L OTL
ttĭiOĀĀ.LILieĥtt;
e dizem a ele: Mestre, não importa a ti que pereçamos?

39 KttL ŌLÉYÉPŌÉLÇ èĭĭeu|-i,T|oev TCŪ ttvény KttL eĭirev TT) 9ttĀttoar], f *tendo-se*
levantado repreendeu ao vento e disse ao mar:

SLCŭTTtt, TOJHU.CJOO. KttL ÉKOTTttOÉV Ō ttVÉLIOÇ KttL èVÉi/ěTO
Fica quieto! Fica amordaçado! E cessou o vento e houve

YttĀr|vr) LieyttĀri. 40 κCU elnei^ ttŭrolç, TL ŌÉLĀOL ÉOTÉ;
bonança grande E disse a eles: Por que covardes sois?

OŪĭĭCŪ 'ÉXÉTÉ TTLOTL^; 41 KttL É^opT^OttL' (Ĵ)ŌpOV \I^(X.V
Ainda não tendes fé? E amedrontaram^se) medo grande

KttL 'éA.ÉYOV ĩĭpŌÇ ttĀ.ĀT|ĀODÇ, TLÇ ttptt OŪTOÇ èaTLV OTL
e diziam reciprocamente: Quem afinal este é pois

KttL Ō ttVÉI-IOÇ KttL \Ĵ OttĀttOOtt ŪTttKOŪeL ttŪTCJ;
também o vento e o mar obedecem a ele ?

Como dissemos, esta tradução é chamada de "interlinear", pois, sob cada palavra em grego, está sua correspondente em português. Por ser uma tradução palavra-por-palavra, tudo fica muito truncado. Além disso, devemos levar em consideração as particularidades da língua grega: sintaxe, expressões idiomáticas, aspecto verbal, géneros dos substantivos etc. Portanto, para que a tradução seja fluente, será necessário algo mais que a simples transposição das palavras de uma língua para outra. Sobre problemas mais concretos da tradução retomaremos no capítulo quinto, quando estudarmos a sintaxe deste texto. Veremos, naquela ocasião, detalhes que podem ser alterados, implicando uma nova compreensão destes versículos. Por ora, basta estabelecer a tradução que utilizaremos ao longo de nosso estudo metodológico. Vejamos, então:

E diz a eles, naquele dia, quando se fez tarde: "Atravessemos para a outra margem". E, tendo eles despedido a multidão, tomam-no consigo como estava no barco, e havia outros barcos com ele. E acontece grande tempestade de vento e as ondas lançavam-se para dentro do barco, a ponto de já ficar cheio o barco. E ele estava na popa, sobre o travesseiro, dormindo. E despertam-no e dizem a ele: "Mestre, não importa a ti que pereçamos?" E, tendo-se levantado, repreendeu o vento e disse ao mar: "Fica quieto! Fica amordaçado!" E o vento cessou e aconteceu grande bonança. E disse a eles: "Por que sois covardes? Ainda não tendes fé?" E ficaram muito amedrontados e diziam uns aos outros: "Quem é este, afinal, pois até o vento e o mar obedecem a ele ? "

8. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR E SILVA, V. M. *Teoria da Literatura*. 8. ed. Coimbra, Almedina, 1990.

BUZZETTI, C. *Come scegliere lê traduzioni della Bibbia*. Torino, LDC, 1997.

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB). *A Leitura Orante da Bíblia*. São Paulo, Loyola/CRB, 1992.

EGGER, W. *Metodologia para o Novo Testamento*. São Paulo, Loyola, 1994.

ILARI, R. & GERALDI, J.W. *Semântica*. São Paulo, Ática, 1985.

MASINI, M. *Iniziazione alia "Lectio Divina" - teologia, método, spiritualità, prassi*. Padova, Messaggero Padova, 1988.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA OS SACRAMENTOS E O CULTO DIVINO.

Introdução ao "Ordo Letionum Missae". In: *LECIONÁRIO Dominical A-B-C*. São Paulo, Papius, 1994.

Entrando em contato com o texto "original"

Que coisa complicada: cinco linhas cheias de bolinhas, bandeirolas, garranchos! Sem contar aquele monte de palavras em italiano: "maestoso", "adagio", "allegro ma non troppo"... "Quem inventou essas coisas não tinha o que fazer!", pensava o Zeca. Mas ele resolveu aceitar o desafio. Paulatinamente foi pegando o "traquejo"...

... E a Bíblia?

Não basta saber ler hebraico e grego. É necessário também "decifrar" as informações que as edições críticas nos oferecem a respeito da caminhada do texto, desde sua primeira redação até chegar a nós. A princípio, tudo parece um amontoado de "minhoquinhas" e garranchos, sem nenhum sentido. Mas, com um pouco de paciência e muitos exercícios, vamos ficando "craques" nesse tipo de trabalho.

I. TEXTO "ORIGINAL"?

Não podemos fazer trabalho sério em exegese ou em teologia bíblica se não partirmos do texto "original". O termo "original" deve ser colocado entre aspas já que o "verdadeiro texto original" não existe. Isto é, ninguém possui a primeira edição do Livro dos Números, ou mesmo do evangelho de Lucas. O primeiro manuscrito de qualquer texto bíblico perdeu-se no tempo e no espaço. Em outras palavras, como seja não fosse pouco o fato de termos de trabalhar com os textos em grego, em hebraico e, eventualmente, em aramaico, temos o seguinte complicador: a primeira redação, tal qual saiu das mãos do autor, já não existe mais. Negá-lo, seria ingenuidade nossa. Tudo o que nos resta são cópias, por vezes, defeituosas, incompletas, ou mesmo muito tardias.

Como, então, podemos ousar fazer afirmações do tipo "Tal texto quer dizer tal coisa", se nem podemos "jurar de pés juntos" que o texto é exatamente aquele?

Por isso, é necessário reconstruir o texto "original", isto é, o texto que provavelmente tenha saído das mãos do autor. Para tanto, trabalha-se sobre os manuscritos disponíveis¹. Claro que não precisamos fazer tudo sozinhos. Só isso seria a tarefa de toda uma vida... e muitas mais.

2. UMA EDIÇÃO DIFERENTE DA BÍBLIA: A EDIÇÃO CRÍTICA

Sem nenhuma dúvida, houve um texto que podemos chamar de "original". Este, no entanto, sofreu re-elaborações e mais re-elaborações. Além disso, não podemos nos esquecer que,

¹ A história dos textos do AT e NT é um assunto que requer uma longa tratção e, dentro de nossa proposta, consideramos totalmente inviável. Em caso de interesse, sugerimos ao leitor consultar as seguintes obras: MANNUCCI, V. *Bíblia, Palavra de Deus*. São Paulo, Paulus, 1986. pp. 108-124; GONZALEZ ECHEGARAY, J. et alii. *A Bíblia e seu Contexto*. São Paulo, Ave Maria, 1994. pp. 435-511; TREBOLLE BARRERA, J. *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*. Vozes, Petrópolis, 1996. pp. 303-507.

antes de serem escritos, muitos relatos pertenciam à tradição oral. A fixação por escrito, o texto estável, é apenas parte de um processo mais amplo, pois um novo contexto é sempre ocasião para a re-leitura e a re-elaboração de um texto do passado. Em outras palavras, um texto fixado e amadurecido pode tornar-se a base para uma nova re-elaboração. Muitas vezes, o próprio texto oferece indícios que permitem reconstruir as etapas da redação que hoje possuímos.

Como veremos em breve, a ciência bíblica desenvolveu certos critérios, a fim de refazer o caminho que o texto percorreu até chegar às nossas mãos. O resultado desse trabalho de reconstrução é encontrado nas chamadas "edições críticas". São edições dos textos do Antigo e do Novo Testamentos (em hebraico, em grego, em aramaico e, ainda, em latim) que trazem, no rodapé, o "aparato crítico", isto é, o elenco das principais leituras variantes e os tipos textuais. Nas margens laterais, encontramos outras observações e anotações a respeito do texto. Para economizar espaço, quase todas as informações do aparato crítico e das margens estão abreviadas ou codificadas em símbolos, cuja decodificação encontramos nas introduções e nos apêndices de cada edição crítica.

As variantes decorrem, em parte, por erro de transcrição e, em parte, por correções intencionais dos copistas. Sobre isso, falaremos mais à frente.

Cada edição crítica é o resultado de anos de dedicação em consultar TODOS os manuscritos existentes (textos bíblicos, *Targumim*, *Midrashim*, lecionários, fragmentos, inscrições, comentários, textos patrísticos, e outros mais).

Por exemplo, a atual edição crítica do NT adotada como padrão é a 27ª de Nestle-Aland. Isso significa que este trabalho já foi realizado 27 vezes sobre o mesmo texto. Começou com E. Nestle, que publicou, em 1898, sua primeira edição crítica do NT. Esta publicação foi sendo revista e aprimorada, com o estudo e a avaliação de novos manuscritos. Os atuais editores, uma comissão internacional, têm à sua frente K. Aland. E as pesquisas continuam. Talvez, daqui a alguns anos, seja publicada a 28ª edição...

E, não obstante a grande seriedade com que este trabalho é feito, ainda há versículos a respeito dos quais não podemos afirmar com segurança qual foi a redação original.

3. TRABALHANDO COM UMA EDIÇÃO CRÍTICA

As edições críticas publicadas em Stuttgart, na Alemanha, pela Deutsche Bibelgesellschaft, acabaram se impondo como padrão. Cada uma delas é o resultado de muitos anos dedicados à pesquisa e à atualização de edições anteriores. Além disso, têm o mérito de poderem ser adquiridas com muita facilidade e por um preço relativamente acessível.

Vejamos o elenco destas publicações:

Texto Massorético (TM):	ELLIGER, K. & RUDOLPH, W. <i>Bíblia Hebraica Stuttgartensia</i>
Setenta (Septuaginta ou LXX):	RAHLFS, A. <i>Septuaginta</i>
Novo Testamento:	NESTLE, E. & ALAND, K. <i>Novwn Testamentum Graece</i> UNITED Bible Societies, <i>The Greek New Testament</i>
Vulsata:	WEBER, R. <i>Bíblia Sacra Vulgata</i>

3.1. Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS)

Precisamos, pois, aprender a manusear essas edições da Bíblia. A seguir, vamos tratar brevemente do Antigo Testamento em hebraico e, posteriormente, do Novo Testamento Grego.

Acabamos de afirmar que tomou-se padrão utilizar a *Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. Ela traz o chamado "Texto Massorético" (TM), a versão escrita do Antigo Testamento hebraico que acabou se impondo como padrão. Os massoretas estabeleceram um sistema altamente elaborado e complexo de **vocalização** (supra e infra-linear) e acrescentaram ao texto uma série de **sinais disjuntivos**, para indicar a pontuação (vírgulas, pontos etc.)

e a entonação (acentuação, pausas, cantilenação) com que deve ser lido o texto.

Além da vocalização e dos sinais disjuntivos, a fim de se evitar a corrupção e a perda de palavras no texto, os escribas massoretas desenvolveram um sistema para garantir a integridade da Escritura. É a chamada "*massorah*".

Não queremos aborrecer o leitor e, por isso, não vamos expor com minúcias a *massorah*. A modo de ilustração, daremos apenas dois exemplos.

a) A **Massorah Final**: ao final de cada livro, encontraremos uma nota que nos informa quantos versos e quantos *sedarim*² aquele livro possui e onde está o seu meio. Por exemplo: ao final de Dt, é-nos dada a seguinte informação: o livro possui 955 versículos, seu meio está em •'B^y rrwi [*agirás conforme*] (17,10) e são 31 os *sedarim*. Além disso ficamos também informados que o conjunto da Torah possui 5.845 versículos, 167 *sedarim*, 79.856 palavras e 400.945 letras.

b) A **Massorah Marginal**: trata-se, como o nome diz, do conjunto de notas que os massoretas colocaram às margens do texto. Nessas notas, eles fazem comentários a respeito do texto, preservam tradições não textuais, identificam palavras ou frases raras, indicam o meio dos livros e das grandes seções, dão-nos outras informações estatísticas e uma espécie de concordância³. Devemos destacar

² Lições ou perícopes em que a tradição palestinese divide o TM. São, no total, 452 *sedarim*.

³ Por alguns conhecida como "chave bíblica", a concordância é um livro que traz, em ordem alfabética, todas as palavras da Bíblia, cada uma delas seguida pelo elenco dos versículos em que tal palavra é utilizada. No trabalho exegético são indispensáveis as concordâncias em grego, em hebraico e, eventualmente, em latim. Mas também encontraremos concordâncias em várias línguas: alemão, inglês, espanhol etc. Em português, temos a *CONCORDÂNCIA Bíblica*. Brasília, Sociedade Bíblica do Brasil, 1975, baseada na tradução revista e corrigida de João Ferreira de Almeida.

o chamado *Qerê* / *Ketib*, (o que deve ser lido / o que está escrito), um recurso dos massoretas para esclarecer dificuldades com a vocalização, quando esta é incompatível com as consoantes. Ou seja, quando o texto apresenta consoantes de uma palavra com vogais de outra. E sempre indicado da seguinte forma: no texto (*Ketib*), aparece um pequeno círculo sobre a palavra em questão; na margem (*Qerê*), as consoantes correias estão impressas sobre um p encimado por um ponto. Um bom exemplo podemos encontrar em 2Rs 20,4. O *Ketib* traz as consoantes Tyn com a seguinte vocalização "ran. O *Ketib* tem as consoantes da expressão "a cidade", mas a vocalização é totalmente outra. Tal discrepância só fica esclarecida ao consultarmos o *Qerê*, que propõe as consoantes "i^n, que não significa "cidade", mas "pátio". Ou seja, os massoretas propõem que "aquilo que está escrito" (*Ketib*) TU~I [a cidade], "seja lido" (*Qerê*) l^n [pátio]. Mas, como não podem alterar o texto (que possui só as consoantes), vocalizam-no segundo a correção indicada na margem lateral.

E, por fim, o aparato crítico. No texto hebraico, aparecem pequenos caracteres latinos (a,b,c...) que remetem ao fundo da página. Aí, encontramos as principais variantes do texto e a referência dos manuscritos ou das versões que lêem tais variantes. Essas informações são dadas por meio de numerosas abreviações em latim e/ou símbolos. Um breve exemplo: Dt 32,35. O Texto Massorético lê n'701 Dp3 ^{ll'} [para mim a vingança e a recompensa}; já o Pentateuco Samaritano e a Septuaginta lêem D^ffll Gp3 m^{ll'}? [para o dia da vingança e da recompensa}.

3.2. UBS Greek New Testament e Novum Testamentum Graece

Para o texto do Novo Testamento, temos duas edições gêmeas: o *United Bible Societies' Greek New Testament* (atualmente, na 4ª edição), feita para tradutores, e o *Novum Testamentum Graece* (atualmente, na 27ª edição), feita para exegetas. O texto é o mesmo para ambas. A diferença está no apar-

to crítico: sua organização e o número de variantes. O aparato crítico do *UBS Greek New Testament* é menor do que o aparato crítico do *Novum Testamentum Graece*, pois reporta um menor número de variantes textuais. Em compensação, o *UBS Greek New Testament* atribui à lição escolhida para o texto uma classificação (A, B, C, D), segundo o maior ou menor grau de certeza, classificação esta que não consta no *Novum Testamentum Graece*.

Comparadas à *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, as edições críticas do Novo Testamento revelam-se mais simples. Não há, por exemplo, as *massarot* (plural de *massorah*), e nem um sistema tão complexo de acentos e pausas. Além disso, é grande o número de manuscritos (códices e fragmentos), todos indicados por uma letra, um número ou uma abreviação, simbologia essa que vem decodificada em tabelas que arrolam todo este material e informam-nos acerca do número, do tipo (papiro, códice, fragmento; uncial [maiusculo] ou minúsculo), da data e do conteúdo de cada manuscrito. Consultando as tabelas e os apêndices, pode-se decifrar os símbolos e as abreviaturas usadas e, assim, avaliar em quais manuscritos se encontram as diferentes lições.

Vejamos, como exemplo, Jo 16,27: [roû] 9eoû [(de) Deus}. No aparato crítico de qualquer uma das referidas edições, encontraremos a informação de que a leitura proposta no texto encontra-se na segunda correção do códice C (século VI) e no códice W (século V), entre outros. Sem o artigo, a mesma leitura QeoO [(de) Deus} encontra-se no papiro 5 (século III), na leitura original do códice t< ou Sinaítico (século IV) e no códice A ou Alexandrino (século V), entre outros. Mas, somos informados também de que há outra possível lição, TOÛ ïïtt-çpóc [do Pai}, que consta na primeira correção do códice t< ou Sinaítico (séculos IV-VI), no códice B ou Vaticano (século IV), na leitura original do códice C (século V) e no códice D ou Bezae (século V), entre outros. A comissão encarregada destas edições optou, com um considerável grau de dúvida, por [-coû] Oeou [(de) Deu](com o artigo). Por isso, a leitura que aparece no texto recebe, na 4ª edição do *UBS Greek New Testament*, a classificação {C}.

4. ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

Um bom começo é tomar as edições críticas e ler as páginas introdutórias, nas quais, além das informações expostas anteriormente, vamos encontrar muitas outras, que nos serão muito úteis, tais como um histórico da presente edição crítica e suas particularidades: os critérios e as siglas adotados, os manuscritos consultados, os apêndices.

Cada livro desses é uma verdadeira enciclopédia sobre o texto bíblico. A *Biblia Hebraica Stuttgartensia (BHS)* possui "prolegomena" em alemão, inglês, francês, espanhol e latim, mas a lista completa dos sinais e dos manuscritos utilizados possui sua explicação somente em latim!... Quem não tem intimitades com essa língua pode consultar a seguinte obra: SCOTT, William R. *A Simplified Guide to BHS*. Berkeley, Bibal, 1987. Nesta publicação, além da tradução, em inglês, das abreviaturas e das siglas utilizadas no aparato crítico, pode-se encontrar informações adicionais sobre as duas *messarot*, as pausas e os acentos, e muito mais. Em português, um breve elenco com as principais abreviações e termos latinos pode ser encontrado em MAINVILLE, O. *A Bíblia à luz. da História. Guia de exegese-histórico-crítica*. São Paulo, Paulinas, 1999. pp. 147-152.

Quanto ao Novo Testamento, a 4ª edição do *UBS Greek New Testament* possui introdução apenas em inglês, enquanto a 27ª edição do *Novum Testamentum Graece*, em inglês e alemão. No entanto, a editora distribui gratuitamente separatas com a mesma introdução em espanhol e em francês.

Por fim, apenas mais alguns comentários.

A) É comum encontrar, em nossas bibliotecas, a edição crítica bilíngue MERK, A. *Novum Testamentum Graece et Latine*. Roma, Pontifício Instituto Bíblico. Foi muito usada nos cursos de Teologia desde seu aparecimento, em 1933, e continua sendo reimpresso (a décima primeira edição é de 1992). No entanto, seu aparato crítico está totalmente defasado, uma vez que sua última atualização é de 1964.

B) Para quem usa os recursos da informática, recomendamos tomar contato com o excelente programa *BibleWorks for Windows*, atualmente na versão 4.0, em CD-ROM. Embora o aparato crítico completo para a Bíblia Hebraica, a Septuaginta e o Novo Testamento Grego ainda seja uma promessa, este programa é de extrema utilidade, pois, as mesmas fontes requeridas pelo Windows para a visualização dos textos grego e hebraico podem ser utilizadas por qualquer programa de elaboração de textos e nos permite escrever diretamente nas línguas bíblicas. Além disso, o *BibleWorks* possui vários outros recursos que podem ser acionados durante o uso do programa: léxicos em grego e hebraico, concordâncias, estatísticas, análise morfológica, versão grega (LXX) para o AT, versão latina (Vulgata), e muitas versões em línguas modernas, até em português (três edições da clássica tradução de *João Ferreira de Almeida*: corrigida, revista e atualizada; revista e corrigida).

5. CRÍTICA TEXTUAL

Agora que já sabemos o que é uma edição crítica, precisamos saber para que serve. Para responder a tal pergunta, devemos lembrar que uma edição crítica apresenta as lições ou *lectiones* variantes para um mesmo texto. Não há dois manuscritos perfeitamente idênticos e as diferenças são apresentadas no aparato crítico. Quando encontramos uma divergência nas tradições de um texto bíblico, ou quando é difícil sua leitura, pode-se pensar em uma eventual emendação, baseada sobre as várias lições, ou, em casos mais raros, sobre conjecturas (quando o contexto ou a gramática exigem mudanças não atestadas em manuscritos).

Como os estudiosos chegaram à conclusão de que o texto mais próximo do original é este e não aquele? E como explicam as mudanças?

Reconstruir a (provável) redação original a partir dos manuscritos atualmente conhecidos supõe realizar um trabalho crítico em duas direções, a crítica externa e a crítica interna. A crítica

externa toma em consideração o aspecto físico dos manuscritos: quantidade, qualidade, datação. Por sua vez, a crítica interna analisa o texto propriamente dito: articulação das ideias, uso das palavras, estilo, teologia. Cada uma dessas duas críticas (externa e interna) possui seus próprios critérios.

São critérios para a crítica externa:

- a) múltipla atestação;
- b) manuscritos antigos e confiáveis;
- c) manuscritos independentes entre si (genealogia e geografia);

São critérios para a crítica interna:

- a) a lição mais difícil é preferível à mais fácil (*lectio difficilior*);
- b) a lição mais breve é preferível à mais longa (*lectio brevior*);
- c) estilo e teologia do autor;
- d) não-influência de passos paralelos.

Claro que uma conclusão guiada pelos critérios externos pode divergir daquela baseada nos internos. Para superar tal impasse, uma vez estabelecida a forma original, deve-se explicar o porquê das diferenças, reconstruindo a genealogia das variantes.

Mas, devemos levar em consideração que o trabalho de reconstrução do texto a partir dos manuscritos já está realizado por estudiosos que dedicaram toda sua vida a isso. Ou seja, não precisamos partir do zero. Por isso, tendo em mãos uma edição crítica, que nos fornecerá as principais variantes para cada versículo, nossa tarefa será tentar entender as razões que levaram os críticos textuais a tal veredicto. Para tanto, nosso trabalho deve se pautar nos seguintes critérios:

- a) a lição mais difícil é preferível à mais fácil (*lectio difficilior*);
- b) a lição mais breve é preferível à mais longa (*lectio brevior*);

- c) a lição divergente em lugar paralelo é preferível à concordante;
- d) é genuína a lição que explica a origem das demais.

Aliás, esse último critério exige não só sensibilidade, mas também certa dose de intuição.

Quanto à sua origem ou à sua causa, as mudanças podem ser inconscientes ou conscientes. Os exemplos a seguir vão nos ajudar a clarificar tal problemática.

5.1. Crítica textual do Antigo Testamento

5.7.7. Mudanças inconscientes

Consideradas erros de escritura (quase sempre anteriores ao Id.C.).

a) Erro de ouvido:

Para se multiplicar os textos, um dos escribas ditava e os demais transcreviam. Em alguns casos, podia acontecer de o copista compreender mal a leitura e confundir alguma letra. Tal é o caso de SI 28,8. A versão hebraica do TM lê

•iQb-Ty -n-f

YHWH é força para eles

Mas outras versões, tal como a siríaca, apresentam

•iaa'7-ïu mn'

YHWH é força para seu povo

seguindo a LXX (Septuaginta):

KUpLOÇ KpttTttL(JÚ|J,K TOÛ ÀttOÛ KÛTOU

o Senhor é força de seu povo

O leitor pode ter pronunciado não muito claramente o y (que possui um som gutural, mas alguns o pronunciam mudo ou levemente aspirado), provocando uma alteração na cópia.

b) Haplografia (*haplos* = simples):

Quando determinada palavra, sílaba ou letra, que ocorre mais de uma vez, é escrita somente uma. Assim acontece em Is 26,3-4. O TM e, com ele, o *Targum* e a Vulgata lêem

-nrr: ! inû2⁴ :niû3 '-p 's

*porque em Ti ela confia.*⁴ *Confiai YHWH*

Em Qumran, no entanto, temos outra lição, semelhante à LXX:

m-r? noa⁴ ~D3 's

*porque em Ti.*⁴ *Confiai YHWH*

Neste caso, é preferível a versão do TM. Outro exemplo: SI 17,10. Caso se trate de uma haplografia, é muito antiga, pois já está presente na LXX.

c) Ditografia (*ditto* = duplo):

É o inverso do erro anterior. Palavra, sílaba ou letra, que ocorre uma só vez, é duplicada. Em Is 40,12, o TM e a LXX lêem, respectivamente,

Q-'Q i^ysía ~n.Q''Q

Quem mediu com a palma da mão as águas TLÇ è|J,éT:pr|aev TT|

xelpi -cò Sôróp

Quem mediu com a palma da mão as águas

Em Qumran, porém, o manuscrito da primeira gruta duplica o " de D"û [águas} e lê

O"; 'Q 'hwî ~IIQ''''û

Quem mediu com a palma da mão as águas do mar

d) Paráblepsis:

Quando a mesma palavra ou frase se repete e o copista, por ter saltado da primeira para a segunda ocorrência, omitiu tudo o que estava entre elas. Isso ocorre em Js 21,35-38: devido

a um fenômeno de paráblepsis, os w. 36-37 (entre colchetes) estão ausentes em vários manuscritos e em várias edições impressas do TM, bem como em manuscritos do *Targum* e da Vulgata. Entretanto, o TM pode ser reconstituído em base à LXX e à lista paralela de ICr 6,63-64.

:i?a-ró< Q'ii7 rww-rwi '^nrrw nto-w-rwi niQTrw;³⁵ :nen:iQ-nt<i nisrrTwh n^nia-n^i
 ~i;i::mi< pw"! "IBQQI]³⁶ [:y3"it< n"~!y mû-lio^i nys^-rwi nensQTiK') ma-ip-rw³⁷
 •trnaQm³ⁱⁱ

³⁵ *Dimná com suas pastagens, Nahalal com suas pastagens: quatro cidades.*

³⁶ [*Da tribo de Rúben: Bétzer com suas pastagens, lahtzah com suas pastagens;*

³⁷ *Qdemot com suas pastagens, Mefáat com suas pastagens: quatro cidades.]*

³⁸ *Da tribo de Gad*

e) **Metátese** (transposição de letras):

Ocorre quando o copista transcreve as letras correias, mas em ordem trocada, tal como em IRs 7,45. O *Ketib* traz

e todos os vasos a tenda que fez.

mas é corrigido pelo *Qerê* (e, com este, a versão siríaca e a LXX

[7,31])

e todos aqueles vasos que fez.

f) Confusão de letras

Isso pode se dar, seja no alfabeto quadrático ("l / l ; H / n / n), seja no paleohebraico (n / t< ; ^ / ' ; 3 / s / 3). Um exemplo encontramos em Gn 14,14, com as letras "l e "l. O TM lê

r^rrrw; p-ri

ele armou (?) seus seguidores enquanto no Pentateuco Samaritano temos

ele esmagou (?) seus seguidores

5.1.2. Mudanças conscientes

Ocorrem quando o copista altera propositadamente o texto. Isso pode ser feito em virtude de o texto estar ainda vivo: as mudanças não traem a fidelidade à sua transmissão. Para o AT vemos, por exemplo, as diferenças de ortografia entre os Manuscritos do Mar Morto e o Texto Massorético, bem como as lições da LXX.

a) **Glosa:**

Trata-se de um acréscimo para ...

aã) ... corrigir:

Em Jr 10,25, o TM diverge da LXX. Respectivamente temos:

•in^m in^i apyTW: teí<""3

Pois devoraram Jaco, devoraram-no e aniquilaram-no ou Kkt'é(j)(XYOu ròv

IttKtûp KKL kî,oLVT\kwa.v axi-cov

Pois devoraram Jacó e aniquilaram-no

Neste caso, pode-se explicar o TM assim: 1) um escriba teria escrito in^NI [*e devoraram-no*] em lugar de IH^{1??'1)} [*e aniquilaram-no*]; 2) posteriormente, a fim de corrigir, ele mesmo ou outro teria inserido IH^{1??'!"} [*e aniquilaram-no*], sem apagar a forma errada.

bb)... esclarecer palavras obsoletas:

No TM de Is 51,22, temos duas palavras que se referem ao mesmo objeto:
^non o-is nuap"nt<

a taça do cálice do meu furor

Este texto pode ser assim explicado: nyap [taça} é um termo raro (só ocorre na Bíblia Hebraica) e foi glosado por 013 [cálice}, termo mais comum para o mesmo objeto. Cf. Is 51,17.

cc) ... explicar textos teologicamente difíceis:

O texto hebraico de Ex 24,10 apresenta uma dificuldade:

h^-w, •n'^ rw w-n

E eles viram o Deus de Israel

Como é possível contemplar a Deus diretamente? Os tradutores da LXX, para eliminar tal problema, acrescentam alguns vocábulos:

Kttl eĩôov [xbv -rónov ou elorriKei eKei.] ó Qeòç TOÛ ïapa,r||

E eles viram [o lugar onde parou} o Deus de Israel

Ninguém pode ver a Deus, mas não há nenhum problema quanto a se ver o lugar onde Deus se posiciona.

b) Mudanças por razões teológicas:

Algumas alterações ocorrem para substituir palavras ou expressões que "ofendem" teologicamente:

aã) Alterações antipoliteístas:

Segundo ICr 8,33 e 9,39, o nome do quarto filho de Saul é ^y?^ [Eshbba'al]. A vocalização parece ser uma pequena variante de '7173"m's< [Ish-ba'al = homem de Ba'a]. No entanto, o infante recebe outro nome no Texto Massorético de 2Sm 2,8.10.12.15; 3,8.14-15; 4,5.8.12: nma-m^ ['Ish-bosheth

= *homem da vergonha*]. Embora Crônicas tenha sido composto depois de Samuel, seus manuscritos preservam, neste caso particular, antigas tradições textuais, as quais, por sua vez, refletem um tempo em que o elemento teofórico *U3 [Ba 'ai]* deve ter sido comum em nomes próprios⁴. Em outras palavras, o nome original é encontrado em Crônicas, e a forma corrigida em Samuel.

De fato, uma antiga recensão da LXX, o texto antioqueno (normalmente chamada "recensão de Luciano" e que parece reportar uma versão pré-massorética do texto hebraico) lê diferentemente o livro de Samuel: o rapaz é denominado 'E Lopcm\`A [*Eisbaal = homem de Ba 'ai*].

bb) Alterações eufemísticas:

No TM, termos pesados são substituídos por outros mais brandos, tal como em Jó 2,9. Se o texto hebraico dá ares de ironia

Abençoa a Deus e morre!

a versão da LXX é ainda mais neutra

ÉLTTÓL' TL pr|Li(x elç *Kvpiov* κ(U TÉΑÉÚΤΟ

Diga uma palavra ao Senhor e morre!

Alguns nomes de pessoas: o apelido de Gedeão é *Yerubba'al = que Ba 'ai lute*, cf. Jz 6,32; 7,1; 8,29; 9,1-2.5.16.19.24.28.57 e ISm 12,11; em 2Sm 11,21, no entanto, este nome está alterado para *Yerubbeshet = que a vergonha lute*. Um dos filhos de Davi é designado *Be'elyada' = Ba'ai sabe* em ICr 14,7), mas *Elyada' = El (Deus) sabe* em 2Sm 5,16 e ICr 3,8. Um filho de Jônatas é chamado *Merib-ba'al = Ba ai e {meu/seu/nosso ?} advogado* (ICr 8,34; 9,40a) ou *Meri-ba'al = herói de Ba'al* (ICr 9,40b), nome também corrigido para *Mephibosheth = ?* (2Sm 4,4; 9,6.10-13; 16,1.4; 19,26.31; 21,7) e *Mephibosheth = ?* (2Sm 16,25). Segundo Tov, E. *Textual Criticism of the Hebrew Bible*. Minneapolis/Assen-Maastricht, Fortress/Van Gorcum, 1992. p. 268, não há clareza quanto à exata relação entre *mephi-* e *-wiQ [meri(b)-]*.

Ao invés de ~p3 [*abençoar*], o verbo que melhor se encaixaria aqui é seu oposto, ~l~it< [*amaldiçoar*], mas que foi evitado por respeito a Deus.

5.2. Crítica textual do Novo Testamento

As variantes do NT têm uma origem semelhante às do AT. Bem mais que no AT, é possível trabalhar com os critérios da crítica externa (antiguidade, quantidade dos manuscritos etc.). Em geral, a gama de manuscritos para cada variante é extensa e uma apresentação minuciosa, nestas páginas, seria inviável. Portanto, optamos por uma discussão simplificada. Para cada exemplo, vamos arrolar apenas os melhores testemunhos. Caso o leitor esteja interessado em aprofundar a questão e disponha de uma das edições críticas, convidamo-lo a consultar as listas dos manuscritos, o que implicará "decifrar" a simbologia utilizada pelos editores.

Vejamos alguns exemplos, tirados da 27^a edição do *Novum Testamentum Graece*:

At 6,8:

(1) nÀripr|ç ^ (xpLToç KKL ôuvttLietûç

cheio de graça e de poder

códice Sinaítico (S<): séc. IV

códice Vaticano (B): séc. IV

códice Alexandrino (A): séc. V

códice D: séc. VI

(2) TTÀr)pTIÇ TTLOTCCû; Kffl ÔWCq-IÉOÇ

cheio de fé e de poder

a maioria dos manuscritos em grego koiné.

Gregório de Nissa (padre apostólico): séc. IV

(3) TrÀr|pr|ç ^típL-coç KKL TiLOTecoç

cheio de graça e de fé

códice E: séc. VI

(4) TTÀr|pT|Ç TTLOTCCÛÇ ^KpLTOÇ TTVçÚ^ttTOÇ

cheio de fé de graça de Espírito

códice Y: séc. IX/X

A crítica externa dará preferência à lição (1), pois consta em melhores e mais antigos manuscritos, além de gozar de uma maior atestação (cerca de 20 ocorrências). As outras lições são menos atestadas e constam em manuscritos mais recentes. A crítica interna, por sua vez, tentará explicar as mudanças: a lição (2) parece ser uma assimilação ao v.5; a lição (3) é confluência ou harmonização das lições anteriores; na lição (4), o termo *wei^ccToç* [(de) espírito} parece ser uma glosa para tomar o texto trinitário.

Lc 4,4:

(1) οὐκ ἐστὶν ἄρτος ἡμετέρος ἢ τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου

ó avQpwvoc, ttU/eiH TTKVCL pr||-L(XTi 9eoû

não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra de Deus

códice Alexandrino (A): séc. V

códice Bezae (D): séc. V — com pequenas diferenças a maioria dos manuscritos em grego koiné

(2) οὐκ ἐστὶν ἄρτος ἡμετέρος ἢ τοῦ υἱοῦ τοῦ ἀνθρώπου

não só de pão viverá o homem

códice Sinaítico (t<): séc. IV

códice Vaticano (B): séc. IV

códice W: séc. V

A lição (1), com a segunda parte de Dt 8,3, é atestada por bons manuscritos. Não obstante, a lição (2) consta também em manuscritos antigos e confiáveis. Parece haver um empate. A

decisão caberá à crítica interna, que considera a lição (1) uma harmonização com textos paralelos, conforme o próprio aparato crítico indica com a sigla *p*).

G\ 1,3:

(1) OTO 9eOU ἸCCTpÒÇ KKL KDpLOU

da parte de Deus Pai e do Senhor

manuscrito 0278: séc. IX

manuscrito 1877: séc. XIV

(2) KTTÒ 9eo6 TTKTpÒÇ KCCL KUpLOU \\i&V

da parte de Deus Pai e do Senhor nosso

papiro 46: cerca do ano 200

papiro 51: cerca do ano 400 — mas é uma lição não muito segura

códice Vaticano (B): séc. IV

códice Claromontano (D): séc. VI

(3) KTTÒ 9eoû TOTpòç m-iûr KCU Kupiou

da parte de Deus Pai nosso e do Senhor

códice Sinaítico (N): séc. IV

códice Alexandrino (A): séc. V

códice P: séc. VI

Ambrosiaster (padre apostólico): séc. IV

(4) KTTÒ 960Û TTKTpÒÇ r/[i6>V Ktti, KUpI.OU r[-IÛV

da parte de Deus Pai nosso e do Senhor nosso

todas as versões coptas

todas as versões etíopes

Quanto à crítica externa, a lição (2) leva uma pequena vantagem sobre a lição (3). No entanto, a crítica interna decide em favor desta última, por estar mais de acordo com o uso paulino (cf., por exemplo, Rm 1,7; ICor 1,3; 2Cor 1,2). Copistas piedosos teriam transferido Tpûv [*de nosso*] para depois do Kupiou

a maioria dos manuscritos em grego koiné todas as versões coptas todas as versões siríacas

(4) ΛΙΕΤΚ ΤΤίVTCOV ŪLIŪV

(com) *todos vós*

manuscrito 296: séc. XVI

todas as versões etíopes

Pseudo-Ambrósio (padre apostólico): séc. IV

(5) Ι-ΙΕΤτ ΤΤτLTfcûV Ἰ}fiŪV

(com) *todos nós*

manuscrito 2050: séc. XII

(6) ΛΙΕΤΟ TTCOTCûr

(com) *todos*

códice Alexandrino (A): séc. V

Vulgata

Ticônio (padre apostólico): séc. IV

(7) Ι-ΙÇΤΟC vavwv xûv (ryLfcOf *amou*

(com) *os seus santos*

manuscrito 2030: séc. XII

Este exemplo é um pouco complicado. A lição (4), adota-da pelo *textus receptus*⁵, é atestada apenas por um manuscrito grego (296, do séc. XVI) e mostra a influência de 2Cor 13,13 e 2Ts 3,18. As lições (2), (5) e (7) são sustentadas por fracas evidências (nenhuma anterior ao do séc. X). A lição (3) tem, a seu favor, uma atestação mais numerosa que as demais e o fato de o Apocalipse usar por doze vezes o termo *aywc*, [*santo*] (em

⁵ Assim designa-se uma antiga versão impressa do NT, publicada em 1633 pelos irmãos B. e A. Eivezir, na Holanda. Por sua grande exatidão passou a ser base de quase todas as traduções, principalmente dos evangélicos, até 1881.

8,3 com -ἰῆδὲν [todos]) para designar os fiéis cristãos. Entretanto, parece ser a confluência das lições (1) e (6). Esta última, porém, é a melhor atestada (crítica externa) e a mais breve (crítica interna).

Ap 22,21:

(1) & \ir\ν

amém

códice Sinaitico (t<): séc. IV

manuscrito 046: séc X

manuscrito 051: séc. X — mas no suplemento que supre uma lacuna no original

a maioria dos manuscritos minúsculos em grego koiné

(2) — (ausente no texto)

códice Alexandrino (A): séc. V

A lição (1) equivale ao *textus receptus* e conclui o livro com o tt|-ir\ν [*amém*] litúrgico. Mas, se esta palavra originalmente estava presente, como explicar sua ausência em um testemunho confiável como o códice Alexandrino (A)? Com um considerável grau de incerteza, os responsáveis pelas atuais edições críticas optaram pela *lectio brevior*, isto é, pela sua omissão.